



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ELLEN FLAVIANNY DOS SANTOS SILVA

**ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: USOS NA
MODALIDADE ORAL POR FALANTES MONTEIRENSES**

**MONTEIRO
2023**

ELLEN FLAVIANNY DOS SANTOS SILVA

**ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: USOS NA
MODALIDADE ORAL POR FALANTES MONTEIRENSES**

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras-Português, sob a orientação da professora Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos, apresentado ao Curso de Letras da UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras-Português.

Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos

**MONTEIRO
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Ellen Flavianny dos Santos.
Estratégias de relativização no Português brasileiro [manuscrito] : usos na modalidade oral por falantes monteirenses / Ellen Flavianny dos Santos Silva. - 2023.
41 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos, Coordenação do Curso de Letras - CCHE. "

1. Teoria funcionalista. 2. Relativização. 3. Estratégias de relativização. 4. Português brasileiro. 5. Oralidade. I. Título

21. ed. CDD 415

ELLEN FLAVIANNY DOS SANTOS SILVA

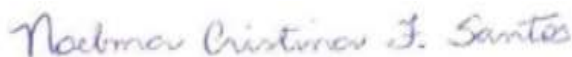
**ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: USOS NA
MODALIDADE ORAL POR FALANTES MONTEIRENSES**

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras-Português, sob a orientação da professora Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos, apresentado ao Curso de Letras da UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras-Português.

Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa.

Aprovada em: 16 / 11 / 2023.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Jordão Joanes Dantas da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Dra. Aymmé Silveira Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por nunca me deixar cair ou desistir dos meus sonhos e sempre ser o meu sustento.

À minha querida orientadora, Noelma Cristina, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação e paciência durante todo o percurso.

À banca examinadora composta pelos professores Dr. Jordão Joanes Dantas da Silva e Dra. Aymmée Silveira Santos pelas contribuições feitas ao meu trabalho.

Ao meu esposo, Robergue Pedro, pelo incentivo e companheirismo em todas as fases da minha vida.

Ao meu filho, Erick Ruan, que faz com que eu tenha forças todos os dias para lutar e conquistar tudo que almejo.

À minha mãe e ao meu pai por sempre guiar-me pelos caminhos certos e sempre incentivar-me a ir em frente.

À Larissa Freire e Pedro Dominyck, companheiros que a UEPB me presenteou, que sempre mostraram que eu sou capaz e tornaram essa caminhada mais leve.

À Sabrina Santos que, apesar de ter conhecido nos últimos períodos do curso, sempre me ajudou e mostrou companheirismo nos momentos em que mais precisei.

RESUMO

Este trabalho é baseado na teoria funcionalista e tem como tema central o processo de relativização no Português brasileiro. O objetivo geral é analisar as estratégias de relativização na modalidade oral de informantes monteirenses a partir da vertente funcionalista, já os específicos são: descrever os tipos de estratégias de relativização mais utilizados, comparar as estratégias de relativização utilizadas entre moradores urbanos e rurais e averiguar os princípios funcionalistas que se aplicam às orações relativas. Esta pesquisa é de cunho qualitativo e apresenta uma abordagem descritiva e explicativa. O *corpus* é constituído de dados orais retirados do ColingPB - Corpus Linguístico da Paraíba, do qual selecionamos as entrevistas dos moradores da cidade de Monteiro-PB, para análise. Como contribuições teóricas, utilizamos Neves (2018), Bispo (2014), Kenedy (2014), Santos (2018), entre outros autores que abordam o fenômeno da relativização. Nossos resultados apontam para a predominância das estratégias padrão, bem como a utilização de outros tipos de estratégias que não se encaixam nos três tipos já consolidados pelos linguistas. Além disso, foi possível diferenciar o modo como os moradores rurais e urbanos elaboram suas construções relativas e compreender algumas motivações que regem o uso das estratégias de relativização.

Palavras-Chave: Teoria funcionalista. Relativização. Estratégias de relativização.

ABSTRACT

This work is based on the functionalist theory and has as its central theme the process of relativization in the Brazilian Portuguese. The general objective is to analyze the relativization strategies in the oral modality from a functional character, while the specific ones are to describe the types of relativization strategies most used, to compare the relativization strategies used between urban and rural dwellers and to ascertain the functionalist principles that apply in relative clauses. This research is qualitative and presents a descriptive and explanatory approach. The corpus consists of oral data taken from the ColingPB - Linguistic Corpus of Paraíba, from which we selected the interviews of the residents of the city of Monteiro-PB, for analysis. As theoretical contributions, we use Neves (2018), Bispo (2014), Kenedy (2014) Santos (2018), among other authors who address the phenomenon of relativization. Our results point to the predominance of standard strategies, as well as the use of other types of strategies that do not fit into the three types already consolidated by linguists. In addition, it was possible to differentiate the way rural and urban dwellers elaborate their relative constructions and to understand some motivations that govern the use of relativization strategies.

Keywords: Functionalist theory. Relativization. Relativization strategies.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNCIONALISMO: UM BREVE PANORAMA.....	12
3 ORAÇÕES ADJETIVAS E ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO.....	16
4 METODOLOGIA.....	25
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
5.1 Dados da zona urbana.....	27
5.2 Dados da zona rural.....	30
5.3 Comparação entre as estratégias da zona urbana e da zona rural.....	33
5.4 Princípios funcionalistas nas orações relativas.....	35
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
7 REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho está inserido nos pressupostos do funcionalismo norte-americano, que busca analisar a língua em seu contexto real de uso, levando em consideração fatores externos e internos que podem influenciar nas escolhas linguísticas utilizadas pelos usuários; ou seja, há uma preocupação com a função exercida linguisticamente.

Com base nisso, o estudo do fenômeno da relativização ganha espaço e o interesse por pesquisas nesta área aumenta, visto que as estratégias já concebidas pela gramática tradicional e por alguns linguistas não estão conseguindo abranger todos os tipos que estão sendo utilizados pelos usuários da língua, sendo necessário realizar análises mais aprofundadas acerca do tema.

Os pressupostos linguísticos já reconhecem que existe uma estratégia padrão, que segue as regras gramaticais, e duas não padrão, a saber: copiadora e cortadora. Porém, autores como Kenedy (2014) e Santos (2018) constataram que algumas estratégias que estão sendo utilizadas não se enquadram nesses três tipos. Por isso, é relevante analisarmos as estruturas gramaticais de acordo com as escolhas linguísticas que o usuário faz.

Desse modo, buscaremos analisar as estratégias de relativização a partir de um viés funcionalista, levando em consideração os fatores externos que podem motivar a utilização de determinadas estruturas. Além disso, será utilizado como base de dados o ColingPB - Corpus Linguístico da Paraíba¹, que documenta as falas da comunidade paraibana.

Com base nisso, o tema desta pesquisa levanta algumas indagações, a saber: Quais estratégias de relativização se sobressaem na modalidade oral de informantes monteirenses? Existe diferença entre as estratégias utilizadas pelas pessoas da zona urbana e da zona rural? Quais princípios funcionalistas estão por trás do uso das estratégias não-padrão?

Com o intuito de responder a essas questões, este trabalho tem como objetivo geral analisar as estratégias de relativização na modalidade oral de informantes monteirenses a partir da vertente funcionalista, e, para alcançar esse objetivo, estão traçados os seguintes objetivos específicos: descrever os tipos de estratégias de relativização mais utilizados; comparar as estratégias de relativização utilizadas entre moradores urbanos e rurais e, por fim, averiguar os princípios funcionalistas que se aplicam nas orações relativas.

¹ Endereço eletrônico da base de dados disponível em: <https://cchla.ufpb.br/colingpb>.

Tomando como base estudos previamente realizados na área, torna-se relevante citar Bispo e Silva (2020), que analisaram as orações adjetivas a partir da teoria funcionalista, com o intuito de abordar essas orações a partir do contexto em que ocorre suas realizações; uma vez que o ensino tradicional traz uma abordagem isolada fazendo com que a distinção entre orações adjetivas explicativas e restritivas seja feita apenas com base na utilização da vírgula.

Dessa forma, os autores aplicaram uma proposta didática para análise dos dados em turmas do nono ano, a fim de colaborar com o ensino das orações adjetivas. Foi concluído que o ensino de conteúdos gramaticais deve estar pautado na língua em funcionamento, tendo em vista que os usos linguísticos estabelecem relação direta com os fins a que são destinados.

Bispo (2009) analisa as estratégias de relativização padrão e não padrão, dando ênfase as cortadoras e utiliza como base de dados tanto a modalidade escrita como a oral. Além disso, faz uso também do funcionalismo, visto que o autor evidencia a importância de se trabalhar as estratégias de relativização a partir de uma visão que analisa o contexto de produção.

O autor, a partir de seus estudos, aponta que as estratégias cortadoras em ambientes preposicionados estão sendo muito utilizadas, apresentando um processo de gramaticalização. Por isso, ele torna evidente que esse tipo de estratégia deve ser trabalhado em sala de aula não apenas sendo apresentada como uma forma que foge do padrão, mas como uma das maneiras de utilização das orações relativas.

Dessa forma, são de suma importância as contribuições dadas pelos autores citados anteriormente e, distinguindo-se de suas pesquisas, este trabalho busca, a partir de dados retirados da modalidade oral, analisar, descrever e comparar as estratégias de relativização utilizadas pelos falantes monteirenses.

Sendo assim, esse estudo torna-se relevante porque, apesar de existirem várias pesquisas sobre relativização, a maioria centra-se na modalidade escrita, como por exemplo Santos (2018) e Braga e Bispo (2016). Além disso, essa proposta busca analisar o uso real desse fenômeno e evidenciar quais motivações estão por trás da utilização das estratégias não padrão.

Segundo Bispo (2014, p. 132):

[...] ainda existem várias questões a serem tratadas, já que muitos deles analisaram um aspecto ou outro do processo de relativização, em sua maioria numa perspectiva variacionista laboviana, com explicações de cunho gerativista. Além disso, com exceção das pesquisas que empreendi no mestrado e no doutorado (BISPO, 2003; 2009), nenhum dos demais trabalhos referidos discutiu questões relativas às motivações envolvidas no uso das relativas não padrão.

Tendo em vista esses aspectos, a nossa pesquisa busca contribuir para análises das estratégias de relativização na modalidade oral, que tende a propiciar o uso real e espontâneo

da língua, além de apontar divergências entre as utilizações feitas pelas pessoas da zona urbana e da zona rural, a fim de analisar como esse fenômeno apresenta-se nessas falas e buscar entender quais motivações regem esses usos.

Com base em tudo que foi discutido, é relevante pontuar que o interesse pelo tema surgiu a partir de estudos sobre as orações relativas, pois foi visto que as formas que estão sendo usadas em situações reais divergem daquelas prescritas pelos pressupostos gramaticais. Então, tornam-se necessários estudos mais aprofundados sobre essas ocorrências que acontecem na modalidade escrita e, principalmente, na modalidade oral.

Esta pesquisa apresenta, além da presente Introdução, duas seções de fundamentação teórica, contendo os principais conceitos de autores que serão tomados como base para reflexão sobre o tema; a Metodologia, na qual explicitamos os procedimentos adotados e a natureza dos dados obtidos; a seção de Resultado e discussões, em que abordamos a análise dos dados; e as Considerações Finais, momento em que refletimos acerca dos resultados obtidos.

2 FUNCIONALISMO: UM BREVE PANORAMA

A teoria funcionalista estabelece um olhar voltado para a função exercida no contexto de realização, em que as estruturas produzidas têm uma relação tanto com fatores internos à língua quanto com fatores externos. De acordo com Martins (2009), o funcionalismo derivou da teoria estruturalista, entretanto, difere-se desta justamente por levar em consideração as circunstâncias comunicativas existentes no processo linguístico.

Conforme asseveram Bispo e Silva (2020, p. 04), o funcionalismo:

Assume o pressuposto básico de que a estrutura linguística resulta da função a que a língua serve nas diversas situações de interação verbal. Assim, a relação forma-função é o fio condutor que norteia os trabalhos desenvolvidos sob essa perspectiva teórica.

Dessa forma, o funcionalismo centra-se não apenas em estruturas gramaticais, mas também nos fatores externos que influenciam tais construções linguísticas; buscando assim, possíveis motivações para essas ocorrências. Segundo Bispo (2014), as construções sintáticas recebem influência da situação comunicativa em que estão inseridas; visto que, na teoria funcionalista, a situação externa relacionada ao emprego de determinadas formas linguísticas motiva as diferentes construções.

Na corrente funcionalista existem alguns princípios relevantes para análise de estruturas linguísticas, a saber: *iconicidade, marcação e informatividade*. O princípio de *iconicidade* consiste na relação entre uma forma e sua função, na qual existirá uma motivação e clareza entre a forma linguística e seu significado. Tendo em vista que a linguagem é uma faculdade humana, a iconicidade estaria ligada às interações do sujeito no mundo e seu funcionamento na mente (Cunha; Tavares, 2016).

Furtado da Cunha, Costa e Cesário (2015 apud Silva, 2018, p. 26) reconhecem que “a estrutura da língua pode refletir a experiência humana”, pois existe uma relação direta entre forma e função, assim como entre o código linguístico e o seu conteúdo. Desse modo, as experiências de mundo e fatores cognitivos podem ser acessados.

Para Cunha e Tavares (2016), algumas palavras acabam perdendo o significado original com o tempo, principalmente na língua escrita, e, conseqüentemente, perde a relação que existia de iconicidade entre a forma e função; por exemplo o termo *embora* significava “em boa hora”, porém, com o tempo passou a funcionar com a ideia de concessão e não mais de algo positivo.

A iconicidade divide-se em 3 subprincípios nos quais um fator relaciona-se diretamente ao outro. Para Bispo (2014, p.137):

Desdobra-se a iconicidade em três subprincípios, a saber: quantidade de informação (segundo o qual quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma linguística); proximidade entre os constituintes (o qual preceitua que os conceitos mais integrados no plano cognitivo se apresentam com maior grau de ligação morfossintática); e ordenação linear (que estabelece que os constituintes se ordenam, no tempo e no espaço, conforme pressões cognitivas).

Segundo Votre (1993 apud Martins 2009), o subprincípio de quantidade de informação está ligado ao tamanho e relevância da informação, dado que a forma cognitiva exigida para codificação da informação passada dependerá da extensão e pertinência da informação dada ao interlocutor; ou seja, quanto mais complexo for o pensamento, mais complexa será a expressão que será elaborada.

De acordo com o pensamento de Cunha e Tavares (2016), um exemplo desse subprincípio são as palavras derivadas, pois ocorre uma maior complexidade cognitiva para elaboração e, conseqüentemente, esse esforço é visto na forma, em virtude de as palavras derivadas terem uma extensão maior que as primitivas; por exemplo, notamos que em “(1) belo > beleza > embelezar > embelezamento” (Cunha; Tavares, 2016, p.24), quanto maior o campo conceitual da palavra, maior será sua forma.

Já a proximidade entre os constituintes representa o grau de integralidade existente cognitivamente, em que quanto mais integração houver no campo cognitivo, maior será a integração no processo de codificação. Por exemplo: “(3) a. Ana prometeu sair. b. Ana prometeu que sairia.” (Cunha; Tavares, 2016, p.24); dessa forma, podemos analisar o verbo da oração principal em relação à oração subordinada, uma vez que a oração subordinada irá se separar mais da oração principal à medida em que o grau de integração entre as orações diminui. “Assim, prevê-se que quanto mais integrados cognitivamente forem os constituintes de uma palavra, de um sintagma, de uma oração ou de um parágrafo, maior será o grau de liberdade relativa entre eles.” (Martins, 2009, p. 33).

O subprincípio de ordenação, segundo Martins, (2009), relaciona-se com o grau de importância de quem emite a construção sintática, pois a ordem e organização da sentença dirá os fatores mais importantes para o falante e as informações iniciais tendem a ser as escolhidas cognitivamente como principais.

De acordo com Cunha e Tavares (2016, p. 24), “[...] a ordem dos elementos no enunciado tem a ver com a relação entre a importância ou acessibilidade da informação veiculada pelo elemento linguístico e sua colocação na oração.”. Sendo assim, a ordenação dos elementos na construção sintática dirá quais são as informações mais relevantes cognitivamente.

Como exemplificação desse subprincípio, as autoras abordam o fato da preferência em colocar a informação velha antes da informação nova, como podemos ver na seguinte construção: “**Ele** comprou **um carro novo**.” (Cunha; Tavares, 2016, p.25). Neste exemplo, a informação nova “um carro novo” é posta depois da informação velha “ele”, mostrando a preferência em trazer primeiro a informação que já é conhecida para depois introduzir a informação nova.

O princípio de marcação divide-se em duas categorias: marcadas e não marcadas; dessa forma, uma categoria é marcada em relação a outra quando apresenta um elemento que se ausenta no outro conjunto linguístico. De acordo com Cunha e Tavares (2016), o princípio de marcação pode estar presente em todos os níveis linguísticos, sejam eles sintático, fonológico etc. Por exemplo, na morfologia, a partir da categoria número temos *filhos* (+ plural) e *filho* (- plural); dessa forma, a categoria que apresenta +plural é marcada em relação a outra, pois a desinência de plural (s) ausenta-se no segundo caso.

De acordo com Martins (2009, p. 33): “Assim, as formas linguísticas marcadas são caracterizadas pela baixa frequência de uso em uma determinada língua, ou seja, são formas mais raras. Já as não-marcadas caracterizam-se pela alta frequência de uso, portanto, são mais usuais.”. Esse fator tem relação direta com o critério de complexidade cognitiva exposto a seguir, pois quanto mais complexa for a estrutura mais ela terá uma baixa frequência.

Votre (1993 apud Martins 2009) destaca alguns critérios para identificação do princípio de marcação, a saber: complexidade estrutural, no qual a categoria marcada se apresenta de forma mais complexa em relação à não marcada; distribuição de frequência, em que a forma marcada é mais rara que a não marcada, e complexidade cognitiva, que apresenta a forma marcada como mais complexa e, por isso, exige um maior esforço cognitivo que a categoria não marcada, sendo necessário um maior tempo para seu processamento.

O princípio de informatividade diz respeito aos conhecimentos compartilhados entre os emissores no momento de comunicação, uma vez que no processo de comunicação o falante estabelece as informações que quer passar para o interlocutor. Com base nisso, Prince (1981 apud Bispo e Silva 2020) divide as entidades do discurso a partir da relação entre os conhecimentos compartilhados em nova, evocada ou velha e inferível.

A entidade nova é aquela que é introduzida pela primeira vez na situação discursiva e pode ser dividida em duas partes: a totalmente nova, quando o falante precisa criar a partir do texto no momento da interação, e a não usada, que diz respeito às informações já conhecidas pelo falante. As entidades evocadas também apresentam subdivisões: a evocada textualmente,

que se caracteriza por já ter ocorrido no texto e a evocada situacionalmente, que diz respeito às situações comunicativas extralinguísticas dos participantes do discurso.

Já a entidade inferível se subdivide em inferíveis incluídas e inferíveis não incluídas. No primeiro caso, no processo de inferência, temos um sintagma nominal contido em outro do mesmo tipo; já as não incluídas dizem respeito à dedução do que o falante poderia dizer sobre as entidades inferíveis ou evocadas. Sendo assim, as informações expostas no texto ou na situação de comunicação expõem como os participantes do discurso podem inferir nas informações comunicativas discursivas.

Com base nisso, é notável que as estruturas linguísticas não são produzidas de forma arbitrária, a língua apresenta um papel maleável que leva em consideração as particularidades cognitivas do sujeito. Consequentemente, as estruturas morfossintáticas também apresentam uma relação entre fatores externos influenciáveis e fatores cognitivos.

A partir disso, é notável o interesse nos estudos das orações relativas desde as últimas décadas, uma vez que são muitos os fenômenos e nuances encontrados nesse tipo de oração que merecem ser estudados e explicados linguisticamente. Além disso, torna-se relevante um estudo com base na teoria funcionalista, visto que é de suma importância analisar essas ocorrências a partir do uso autêntico da língua.

3 ORAÇÕES ADJETIVAS E ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO

Segundo Lima (2011), as orações adjetivas exercem a função de adjetivos e podem vir subordinadas a qualquer núcleo anterior, desde que seja este um substantivo, funcionando, portanto, como um adjunto adnominal carregando todas as suas características; como no seguinte exemplo: “a água é um líquido/ que não tem cor” (Lima, 2011, p.333), no qual a oração adjetiva “que não tem cor” especifica o substantivo “líquido”, acrescentando-lhe característica. Além disso, o autor evidencia que as orações adjetivas desenvolvidas são encabeçadas por pronome relativo ou advérbio relativo que podem assumir diversas funções dentro da oração relativa.

Com base nisso, o autor ressalta que a função do antecedente não faz referência à função do pronome relativo dentro da oração adjetiva, pois quem vai determinar a função do pronome relativo é a própria oração adjetiva. Vejamos o exemplo: “Era uma vez, já faz muito tempo, havia um homem/ que era ateu” (Lima, 2011, p.334), em que temos como antecedente o homem, que é objeto direto do verbo havia; porém, a função sintática que o pronome relativo *que* assume dentro da oração adjetiva é de sujeito. Sendo assim, vale ressaltar que o pronome relativo retoma o seu antecedente, porém sua função será estabelecida a partir da relação que é exercida na oração adjetiva.

O autor apresenta dois tipos de orações adjetivas: restritivas e explicativas. As orações restritivas especificam o termo anterior e, por isso, se forem retiradas, o sentido da oração principal será comprometido; como no seguinte caso: “Os pecadores/ que se arrependem/ alcançam o perdão de Deus.” (Lima, 2011, p.336). Nesse sentido, a oração adjetiva “que se arrependem” restringe o antecedente “os pecadores”, dando a entender que não são quaisquer pecadores que alcançam o perdão de Deus, mas apenas aqueles que se arrependem.

Já as explicativas acrescentam uma informação na oração principal, podendo ser retirada sem que haja um comprometimento sintático, como em: “‘Vozes d’África’, / que é um poemeto épico, / representa um alto momento da poesia brasileira.” (Lima, 2011, p. 337). Dessa forma, a oração adjetiva “que é um poemeto” está adicionando uma informação extra, uma explicação sobre *Vozes d’África* e pode ser retirada sem comprometer o sentido do período; fazendo falta apenas semanticamente.

De acordo com o pensamento de Neves (2018), os pronomes relativos exercem a função de adjunto adnominal do substantivo antecedente e acrescenta-lhes propriedades, portanto, “a oração iniciada por um pronome relativo é uma oração adjetiva” (Neves, 2018, p.643). Dessa

maneira, os pronomes relativos fazem referência ao termo que o antecede e assumem uma função sintática dentro da oração.

Assim como Lima (2011), Neves (2018) separa as orações adjetivas em restritivas e explicativas, em que as explicativas somam informações sobre o seu antecedente, já as restritivas têm o papel de restringir o termo que a antecede. Para diferenciarmos, vejamos os seguintes exemplos: “Meus irmãos, que haviam acordado antes de mim, sussurravam ao redor” (MEL-R) / Meus irmãos que haviam acordado antes de mim sussurravam ao redor” (Neves, 2018, p. 669).

No primeiro caso, a oração relativa tem o papel de adicionar uma explicação que consiste em informar que os meus irmãos acordaram antes de mim e sussurravam ao redor, englobando, portanto, todos os meus irmãos; já no segundo exemplo, é notável uma restrição, em que delimita que havia alguns irmãos e apenas os que acordaram antes de mim sussurravam ao redor.

Para Vieira e Faraco (2022), uma oração relativa é uma oração subordinada introduzida por um pronome relativo. Os autores também fazem a divisão entre relativas restritivas e relativas explicativas. Para eles, as relativas restritivas assumem a função de um adjunto adnominal, ou seja, especificam e limitam o sentido do termo antecedente. Além disso, as “orações subordinadas relativas restritivas podem estar inseridas em constituintes do tipo complementos verbais, sujeitos ou adjuntos adverbiais” (Vieira; Faraco, 2022, p. 101).

Já as relativas explicativas não irão funcionar como um adjunto adnominal, a função sintática delas será de aposto, pois qualifica e explica algo referente ao seu antecedente. As orações explicativas, assim como os apostos, também aparecem entre vírgulas, diferentemente das restritivas. Exemplificando, temos: “O museu de Louvre, que sempre esteve aberto desde a segunda guerra mundial, fechou na última semana” (Faraco; Vieira, 2022, p.103), neste caso a oração relativa, assim como o aposto, aparece entre vírgula, e tem o papel de explicar uma informação a mais sobre o museu de Louvre.

Além disso, “o museu de Louvre” já está restringindo qual é o museu, então a informação que aparece em forma de oração relativa é apenas para acrescentar. Porém, se tivéssemos o seguinte período: “O museu que sempre esteve aberto desde a segunda guerra mundial fechou na última semana” (Vieira; Faraco, 2022, p. 105); neste caso a oração relativa encabeçada pelo pronome relativo *que* restringiria o significado de museu, já que museu aparece como um nome genérico; além disso, por se tratar de um adjunto adnominal, a oração não aparece entre vírgulas.

Com base nisso, entendemos que há um modelo de orações relativas considerado padrão, e existem outros que fogem dessa regra, sendo considerados por muitos autores como não padrão. De acordo com Santos (2018), os pronomes relativos podem ser utilizados de diversas formas e as estratégias de relativização se concretizam a partir dessa diversidade, visto que os falantes, para organização do discurso, fazem uso das estratégias de relativização de forma consciente ou não.

Desse modo, os linguistas de diferentes perspectivas reconhecem que existem pelo menos três estratégias de relativização: uma considerada padrão, prescrita pela gramática tradicional, uma cortadora e uma copiadora. Para Bispo (2014), o modelo padrão das estruturas relativas se organiza da seguinte maneira: “a. um pronome relativo; b. estrutura oracional aparentemente incompleta, logo após o relativo; c. articulação de um elemento nominal + relativo + estrutura oracional aparentemente incompleta.” (Bispo, 2014, p.132-133).

É possível analisar a estrutura padrão descrita por Bispo (2014) no seguinte exemplo: “(3) “O trunfo serve para cortar o jogo **que está na mesa**, [...]” (Bispo, 2014, p.133); nesse caso, temos o pronome relativo *que*; a estrutura oracional aparentemente incompleta “está na mesa”, pois falta o sujeito (o jogo), que está sendo retomado pelo pronome relativo, e a articulação entre o antecedente o jogo, o pronome relativo e a estrutura oracional: o jogo que está na mesa.

Já nas estruturas em que a oração relativa apresenta função preposicionada, de acordo com a tradição, há a exigência de uma preposição antes do pronome relativo, como podemos observar em “(4) “... o futuro do país... pô... quem faz... entendeu? somos nós... porque nós é que... botamos as pessoas... **em quem nós confiamos** lá... entendeu? só que:... não sei o que acontece... sabe? eles... prometem mundos e fundos...” [...]” (Bispo, 2014, p. 133). Neste exemplo, o verbo confiar exige a preposição em, por isso, na norma padrão, o pronome relativo aparece acompanhado de preposição.

Tarallo (1993 apud Bispo, 2014) denomina a estratégia padrão de variante com lacuna, pois na visão dele há uma lacuna na oração relativa que concerne na ausência do antecedente e consequentemente uma lacuna também na função sintática que seria exercida por este sintagma nominal. Tomando como base o exemplo já utilizado: “(3) O trunfo serve para cortar o jogo **que está na mesa** [...]” (Bispo, 2014, p. 133), para Tarallo (1993) existe uma lacuna na oração relativa pois o antecedente (o jogo) está ausente e a função sintática de sujeito não é preenchida.

Porém, para Bispo (2014) e como também concordamos neste trabalho não existe lacuna nesse tipo de oração, visto que a função sintática é preenchida pelo pronome relativo *que*, retomando o sintagma antecedente e assumindo sua função dentro da estrutura relativa. Para

Lemle (1978 apud Castilho, 2014.), na sentença adjetiva padrão o pronome relativo recebe a função sintática a partir do caso correspondente ao seu verbo: “a) o livro **que estou lendo** é de história. (caso nominativo, função de sujeito)” (Castilho, 2014, p. 367).

Kenedy (2014)², para tratar das estratégias de relativização, apresenta as relativas canônicas e as não canônicas. As relativas canônicas são aquelas que seguem a norma padrão, já o segundo tipo diz respeito às manifestações que fogem das regras prescritas por gramáticas tradicionais, como é o caso da estratégia copiadora e da cortadora e podem ser observadas na escrita, mas, segundo o autor, são típicas da fala de pessoas letradas e não letradas.

A estratégia copiadora, de acordo com Kenedy (2014), apresenta um pronome pessoal que concorda em número, gênero e pessoa com o antecedente da oração relativa: “26 Relativa copiadora: o menino_i [que o papa beijou ele_i]” (Kenedy, 2014, p. 33).

Além disso, também temos ocorrências das estratégias copiadoras regidas de preposição, ou seja, além do pronome pessoal retomando novamente o termo anterior, esse pronome vem juntamente de uma preposição, a saber: “ Variante da relativa copiadora: aquela camisa_i [que você saiu com ela_i ontem]” (Kenedy, 2014, p. 33).

Na visão de Tarallo, que acredita na existência de uma lacuna na estratégia padrão, as estratégias copiadoras consistem na utilização de um pronome referente ao termo anterior para preencher a lacuna existente na oração relativa. Vejamos a seguinte estrutura: “(5) “... aí tinha uma... uma vidente... uma espírita... **que ela... enrolava o povo sabe?** aí ... tem uma parte que ela tá... falando assim... tá com os clientes... né?” (Corpus D&G Natal, língua falada, p. 237)” (Bispo, 2014, p.134); neste exemplo, o pronome pessoal *ela* está retomando novamente o antecedente, que já foi retomado pelo pronome relativo *que*.

De acordo com Lemle (1978 apud Castilho, 2014), a sentença copiadora é resultante da generalização do pronome relativo *que*, que ao perder sua função de pronome acaba funcionando apenas como conjunção e perdendo as propriedades de um pronome relativo, sendo necessária a inserção de um pronome pessoal para retomar o antecedente, por exemplo: “a) Não há uma área em São Paulo **que a polícia não entre nela.**” (Castilho, 2014, P. 367).

Apesar de não nomear como uma estratégia copiadora, Perini (2019) evidencia que as construções relativas apresentam diferenças na fala e na escrita; e em construções preposicionadas, a preposição cai na fala e acrescenta-se um pronome pessoal, por exemplo:

² Temos consciência de que Kenedy (2014) é gerativista, porém achamos pertinente o tipo de abordagem que ele utiliza em relação à estratégia de inserção lexical e percebemos, nos nossos dados, que esse fenômeno também ocorreu.

“[22] (escrita) **O carro para o qual você comprou a peça** é aquele vermelho ali. [23] (fala) **O carro que você comprou a peça para ele** é aquele vermelho ali.” (Perini, 2019, p. 144).

Além disso, o autor mostra que o pronome relativo *que* se tornou universal, fazendo com que seja utilizado em estruturas que seriam preposicionadas na escrita servindo apenas como conector; como podemos averiguar nos seguintes exemplos: “[19] **A professora com quem eu falei** não sabia de nada. Se fala assim: [20] **A professora que eu falei com ela** não sabia de nada]” (Perini, 2019, p. 143), tratando-se, portanto, de uma estratégia copiadora.

Perini (2019) contribui bastante para os estudos das estratégias de relativização, pois mesmo sem nomear os tipos de estratégias mostra que além do tipo padrão, abordado por gramáticos tradicionais, estão sendo utilizadas novas estruturas.

Porém, o autor evidencia que essas ocorrências são vistas apenas nas falas e faz a comparação entre como as construções aparecem na fala e na escrita, em que a escrita segue a estratégia padrão e na fala ocorrem as consideradas não padrão. Porém, mesmo em contextos monitorados de escrita, podem ser observadas ocorrências das estratégias não padrão.

Para Tarallo (1993 apud Bispo 2014) as estratégias cortadoras ocorrem quando o sintagma nominal assume função preposicionada, e a preposição exigida na gramática tradicional fica de fora da sentença, como podemos ver nos exemplos de Bispo (2014, p.144):

(6) “Descrever um lugar que gosto. A sala de minha casa, porque tem um som maravilhoso particularmente adoro música, um aquário que eu mesmo cuido, com muita presteza [...]” (Corpus RJ, língua escrita, informante 17)

(6a) Descrever um lugar que gosto dele. A sala de minha casa, porque tem um som maravilhoso particularmente adoro música, um aquário que eu mesmo cuido dele, com muita presteza [...].

Ao compararmos as duas sentenças, é possível perceber que em 6 a preposição exigida pelo verbo gostar não aparece, assim como a preposição do verbo cuidar, já em 6a além da preposição não ser incorporada na oração relativa, temos o acréscimo da partícula *dele* retomando o antecedente, caracterizando uma estratégia copiadora.

Para Lemle (1978 apud Castilho, 2014), a estratégia cortadora ocorre também pela generalização do pronome relativo *que*, apagando a preposição que seria exigida na língua padrão: “b) Os painéis solares geram a energia que sempre sonhamos.” (Castilho, 2014, P. 367). Dessa forma, o pronome relativo *que* substitui a preposição *com* que de acordo com a norma culta o período ficaria escrito da seguinte maneira: Os painéis solares geram a energia com que sempre sonhamos.

Braga e Manfili (2004 apud Castilho, 2014, p. 368) mostram que o pronome relativo *onde* e o pronome relativo preposicionado apresentam a mesma probabilidade de ocorrência

quando o termo referente trata de lugar ou tempo, pois a função de adjunto favorece o uso do relativo *onde* e a função de argumento favorece a ocorrência do pronome relativo preposicionado, como nos seguintes exemplos: “d) Qualquer lugar **onde/ que** você vai, o preço é o dobro. E) Os moradores poderão reviver aquela época **onde/em que** a cidade era a capital da laranja.”.

Outras pesquisas estabeleceram uma correlação entre a tipologia das sentenças adjetivas e as alterações dos clíticos no pb contemporâneo [...]. Explorando essa correlação, Mary Kato hipotetizou que as estratégias de relativização correspondem à gramática de clíticos disponível pelo falante. Ela mostrou que há uma harmonia no tratamento dos clíticos e dos pronomes relativos, pois ambos compartilham a propriedade da foricidade (Castilho, 2014, p.368).

A partir disso, os autores afirmam que a diminuição da utilização da estratégia padrão e a maior utilização das estratégias copiadora e cortadora são favorecidas pelo desaparecimento dos clíticos do Português brasileiro. Sendo assim, é perceptível a grande diferença que a despronominalização acaba gerando no âmbito das estratégias de relativização, fazendo com que o pronome relativo funcione como conjunção e sendo necessário, em certos casos, a apropriação de um pronome pessoal como forma de suprir o processo anafórico desvinculado do pronome relativo.

Kenedy (2014) também apresenta como estratégias de relativização as genitivas cortadoras nas quais há o corte da preposição, porém, contrariando as relativas cortadoras, a exigência da preposição não é sintaticamente expressa por algum termo, e sim existe uma relação de posse entre o termo antecedente e a oração relativa; como podemos ver no exemplo a seguir: “relativa genitiva cortadora: O livro_i [que a capa_i é bonita]” (Kenedy, 2014, p. 34).

O autor ainda cita as relativas com inserção lexical, nas quais existe a introdução de um novo elemento igual ao antecedente da oração relativa; isto é, nessa manifestação de estratégia de relativização não aparece um pronome cópia, mas sim o próprio elemento relativizado é copiado: “[...] O livro_i [que meu pai ficou emocionado quando leu esse mesmo livro_i]” (Kenedy, 2014, p. 34). Esse tipo de estratégia, segundo o autor, é muito presente na fala, principalmente quando há uma certa distância entre o item relativizado e a argumentação feita.

Em seu trabalho, Santos (2018) constatou que havia alguns tipos de estratégias de relativização que não se enquadravam nos três tipos já consolidados nos estudos linguísticos. Sendo assim, a autora propôs uma ampliação dos tipos de estratégias de relativização, com o intuito de abarcar todos os fenômenos encontrados.

Para tanto, Santos (2018) levou em consideração tanto o domínio sintático como o discursivo. Para esta pesquisa, iremos nos deter apenas as estratégias propostas pela autora de

cunho sintático, que engloba as estratégias padrão, incorporadora, copiadora, cortadora, excedente e comutada.

A autora considera estratégia incorporadora “as ocorrências das orações adjetivas que se integram à matriz, adquirindo o **formato de SN**” (Santos, 2018, p. 133, destaque da autora). Esse tipo de estratégia foi considerado por outros autores como relativa sem antecedente, porém a autora considera uma estratégia de relativização e que o antecedente geralmente encontra-se fora do contexto em que a oração é produzida, assumindo uma função exofórica. Como exemplo, temos o seguinte período:

Os pais destes adolescentes devem estipular uma média diária na utilização destes aparelhos, pois, se não utilizar medidas perigosas eles ficam dependentes destes meios de comunicação, além disso, os pais devem verificar **o que** seu filho faz na internet se é apropriado ou não, ou se está cometendo ou até mesmo sofrendo de cyberbullying ou algo do tipo. (TI84) (Santos, 2018, p. 133).

Neste exemplo, a oração introduzida pelo “o que” funciona como argumento interno de “verificar”, ou seja, como objeto direto, contudo o item linguístico “o que” apresenta comportamento também de pronome relativo, já que exerce função sintática dentro da oração subordinada e retoma um referente, nesse caso, que não está no texto, portanto, assumindo função exofórica. Desse modo, conseguimos identificar que “seu filho faz ‘algo’ na internet”.³

A estratégia excedente consiste na utilização de uma preposição junto com o pronome relativo que pode ser dispensada: “[...] A facilidade **em que** se possui para a utilização são enormes pode acessa por celulares, notebooks, tablets entre outras diversas formas que se pode conectar à estas redes[...]” (Santos, 2018, p. 137). Neste exemplo, não há a necessidade da utilização da preposição “em” podendo ser utilizado apenas o pronome relativo “que”.

Já a estratégia comutada diz respeito a troca de preposição ou pronome relativos nas estratégias de relativização: “[...] Antigamente o modo **em que** as pessoas viviam era no campo, longe e de difícil contato com a internet que é hoje tão usada na sociedade contemporânea[...]” (Santos, 2018, p. 137). Nesse caso, o pronome relativo cabível para essa estratégia ser considerada padrão seria o “como”.

Mollica (1997) apresenta um marco nos estudos das orações relativas; a autora, que aborda um estudo variacionista, constatou uma variação nas falas de pessoas do Rio de Janeiro, que estavam utilizando uma forma diferente das consideradas orações adjetivas padrão; a partir

³ Para maiores informações sobre a funcionalidade de “o que”, ver Santos (2018) e Oliveira (2023).

disso, ela analisou a presença e a ausência do pronome cópia em sentenças; considerando a presença desse pronome como uma estratégia não padrão.

Para a análise dos dados, Mollica (1997) levou em consideração as seguintes funções sintáticas exercidas pelo relativizador: sujeito, objeto direto e objeto indireto; para isso, ela se baseou na Gramática gerativa. Neste estudo, a autora já tinha por objetivo demonstrar que esse processo de anaforização dos pronomes era uma estratégia característica do Português brasileiro que visava a facilitação ou focalização em algum elemento da sentença.

Como variantes relevantes, a autora estabeleceu para análise os sintagmas nominais de base nominal, pois eles se submetem ao processo no Português, enquanto os sintagmas de base pronominal não estão sujeitos ao processo de anaforização. E, segundo a autora, isso se dá porque “a língua não costuma pronominalizar elementos com o mesmo traço categorial, pois seria mera redundância, desprovido de valor funcional.” (Mollica, 1997, p.173).

Para o *corpus* da pesquisa, a autora utilizou as falas de quatro estudantes do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que consistiam na classe semialfabetizada carioca, uma vez que, segundo a autora, a incidência da variável é menor com falantes com maior nível de escolaridade. Foram coletadas sete entrevistas de em média uma hora cada.

Mollica (1997) considerou como um fator importante o nível semântico na análise dos dados pois, segundo a autora, a natureza semântica do antecedente indica as motivações para os usos das anáforas e antecedentes com traços +humano, -especificado e +coletivo tendem a propiciar o uso da anaforização.

A autora constatou que os casos de pronominalização se dão mais com a distância do sintagma nominal antecedente, pois é notável a necessidade de o falante e ouvinte lembrar o que já foi dito e outro motivo seria para dar ênfase e reforçar o enunciado.

Assim, a cópia do antecedente tem mais probabilidade de ocorrer quando: apresentar traços semânticos que favoreçam a pronominalização, seja indefinido para então ser mais referenciado pela cópia, apresentar traços singulares para se diferenciar de grupos e vier intercalado de outros elementos para a anáfora facilitar o processo de compreensão.

Os estudos de Mollica (1997) contribuíram para outros estudos com base nos fenômenos das cláusulas adjetivas, tendo em vista que enfatizou esse universo diversificado, além de mostrar que há uma motivação por trás desse tipo de estratégia de relativização e evidenciar o caráter funcional presente nesse tipo de estruturas.

A partir dessas contribuições, analisaremos, assim como Mollica (1997), um *corpus* de natureza oral, a fim de identificar prováveis motivações para os tipos de estratégias encontradas, já que os dados orais ainda são pouco analisados nos estudos sobre o processo de relativização, além de alguns autores como Kenedy (2014) e Perini (2019) evidenciarem evidenciarem que na

modalidade oral ocorre uma maior utilização dessas estratégias. Na seção a seguir, iremos abordar a natureza dos dados analisados.

4 METODOLOGIA

De acordo com a natureza dos dados, a presente pesquisa é de cunho qualitativo, pois buscamos interpretações a partir de descrições e comparações dos dados; utilizamos também de estatísticas apenas para a quantificação dos dados obtidos, embora esse não seja o nosso objetivo principal e esta pesquisa tem como predominante a abordagem qualitativa. De acordo com Fontelles et al (2009, p. 6), a pesquisa qualitativa:

É o tipo de pesquisa apropriada para quem busca o entendimento de fenômenos complexos específicos, em profundidade, de natureza social e cultural, mediante descrições, interpretações e comparações, sem considerar os seus aspectos numéricos em termos de regras matemáticas e estatísticas.

Além disso, apresenta uma abordagem descritiva e explicativa, pois fazemos um levantamento de dados das estratégias presentes na zona urbana e zona rural, como também explicamos os fenômenos presentes nas orações relativas.

E, de acordo com Gil (2002, p. 44), “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.”. Para Gil (2002, p. 45), a pesquisas explicativas são mais complexas:

Essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo, é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente.

O *corpus* no qual fizemos o levantamento de dados é o Corpus Linguístico da Paraíba (COLINGPB), coordenado pelo professor Cirineu Cecote Stein, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), campus I, João Pessoa-PB. Conta com 319 entrevistas transcritas e apresentadas em formato pdf. Nele, são documentadas as falas de informantes de 26 municípios da Paraíba.

Para esta investigação, selecionamos o município de Monteiro, do qual serão analisadas as falas das pessoas da localidade rural e urbana; pois percebemos, a partir de um olhar superficial realizado antes da coleta e comprovado após ela, algumas diferenças entre as escolhas linguísticas dessas duas localidades. A partir disso, as estratégias de relativização que foram utilizadas pelos falantes serão descritas, explicadas e comparadas. O *corpus* supracitado pode ser acessado gratuitamente na internet.

Os informantes desses dados foram, em cada município, pelo menos metade da zona

urbana e metade da zona rural contando com adolescentes, adultos e idosos do sexo masculino e feminino. Em Monteiro, município do qual coletamos os dados, foram entrevistados seis moradores urbanos e seis rurais.

É válido ressaltar que cada exemplo utilizado apresenta um código que diz respeito ao informante, seguido do número de segmento tal como consta no arquivo de pdf da entrevista; assim, “brPB” é o país e UF, 17 é o código do município de Monteiro, e o grupo de informantes apresenta os seguintes códigos: “g1”, adolescente, “g2”, adulto, “g2u”, adulto graduado, “g3”, idoso, “g3u”, idoso graduado, “a”, zona urbana e “b”, zona rural. Os sexos dos informantes são representados por “F”, feminino, e “M”, masculino e o número do informante em “01”, “02” e “03”.

Dessa forma, a 1ª etapa da pesquisa foi a coleta dos dados no *corpus* supracitado, em seguida analisamos as estratégias de relativização utilizadas pelas pessoas das duas localidades do município de Monteiro; após isso, fizemos uma comparação entre as utilizações feitas pelos falantes da zona urbana e da zona rural.

Tendo em vista esses aspectos, os dados foram analisados à luz da teoria funcionalista, investigando, especificamente, a presença dos princípios de iconicidade, marcação e informatividade. Além disso, utilizamos os estudos de alguns autores como fonte de pesquisa, como por exemplo Bispo (2014), Neves (2018), Vieira e Faraco (2022), Mollica (1997), Santos (2018), entre outros. Na próxima seção, discutimos acerca dos resultados obtidos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção apresenta a análise das estratégias de relativização encontradas no ColingPB, especificamente nas entrevistas do município de Monteiro. Dessa forma, analisamos, inicialmente, as estratégias encontradas nas falas dos moradores da zona urbana, e em seguida fizemos o mesmo procedimento com os dados da zona rural. Além disso, optamos por analisar apenas as falas das pessoas entrevistadas, deixando de fora os dados dos entrevistadores (utilizamos apenas quando necessário para a compreensão de alguma estratégia dos entrevistados), já que nossa finalidade é a análise das falas dos moradores das referidas localidades.

Para alcançar os objetivos traçados para esta pesquisa, é feita a análise das ocorrências das estratégias de relativização encontradas no *corpus*, a comparação entre as estratégias utilizadas pelos falantes da zona urbana e da zona rural e, por fim, a aplicação dos princípios funcionalistas a essas estratégias, a fim de identificar possíveis motivações para tais utilizações.

5.1 Dados da Zona Urbana

Totalizando 239 ocorrências, a estratégia padrão apresentou o maior número de ocorrências utilizadas pelos falantes da zona urbana de Monteiro-PB. Um dado relevante é que apenas 2 ocorrências desse total, 1,1%, foram classificadas como estratégia padrão preposicionada.

Não temos como objetivo analisar as ocorrências dos pronomes relativos, porém foi possível perceber que a maioria das estratégias foram introduzidas pelo pronome relativo *que*, corroborando o pensamento de Perini (2019), que evidenciou a utilização do *que* como sendo universal.

Apesar de grande parte das ocorrências das estratégias padrão terem sido iniciadas com o pronome relativo *que*, 5 dessas estratégias foram introduzidas pelo pronome relativo *onde*, representando 2,09% dos dados. Na tabela a seguir é possível visualizar o total de ocorrências retiradas dos dados da zona urbana.

Tabela 1- Total de ocorrências das estratégias de relativização utilizadas pelos moradores da zona urbana

Estratégia	Total	%
Padrão	239	78,50%
Cortadora	43	13,30%
Copiadora	14	4,70%
Inserção Lexical	8	2,80%
Comutada	2	0,70%
Total	306	100%

Fonte: Elaboração própria

No total, ocorreram 306 estratégias de relativização, sendo 239 consideradas padrão, representando 78,50% das ocorrências, 43 cortadoras, com o percentual de 13,30%, 14 copiadoras, com 4,70%, 8 estratégias de inserção lexical, contando 2,80% e 2 comutadas, tendo 0,70% do total de utilizações.

Nas estratégias padrão analisadas foi possível identificar o pronome relativo, o sintagma nominal antecedente e a função sintática do antecedente sendo ocupada pelo pronome relativo dentro da oração adjetiva; como podemos analisar nos seguintes exemplos:

- (1) EMLL: ...que as coisas não fique tão, ahn, que, ahn, os atos **que** os outros cometem não fique tão na impunidade. (brPB17_g1aF01_87).
- (2) EMLL: Tem, é porque tem muita gente assim, **que** não aceita a sua escolha de religião. (brPB17_g1aF01_203).
- (3) HTR: ...no mercado público e aqui no Grande Hotel, [veículo] **onde** se hospedava os político, que era rico, né. (brPB17_g3aF01_33).

Em todos os exemplos, o pronome relativo recupera o termo antecedente e assume sua função sintática dentro da oração adjetiva. No exemplo (1), o pronome relativo *que* retoma os SN “atos” e preenche sua função dentro da adjetiva; assim como em (2) o relativo *que* retoma e assume a função do SN “muita gente” e em (3) o pronome *onde* substitui o antecedente “Grande Hotel” e ocupa sua função na relativa.

Nas estratégias cortadoras podemos verificar o apagamento da preposição junto ao relativo, que seria exigida pelo verbo:

- (4) EMLL: Eu não sei dos outros grupos, mas o grupo **que** eu participo, particularmente, ele surgiu dentro da escola. (brPB17_g1aF01_274).
- (5) TFSR: o matuto **que** a gente fala é isso, entendeu? (brPB17_g1aM01_473).
- (6) EBS: ...computador, jogos de vídeo game, essas coisa **que** as crianças gostam muito e hoje estão viciadas, né. (brPB17_g2aF01_119).

No exemplo (4), o relativo retoma “grupo” e a preposição “de” exigida pelo verbo “participar” é apagada. Em (5), o pronome retoma o termo “matuto” e a preposição “de” que

seria exigida pelo verbo “gostar” é suprimida; assim como no exemplo (6), que apresenta o mesmo verbo e a ausência da mesma preposição.

Nas estratégias copiadoras encontradas no *corpus*, verificamos o pronome relativo retomando o antecedente e um pronome pessoal retomando novamente o SN que já havia sido recuperado pelo relativo:

- (4) JBM: ...trator de esteira em cima dum caminhão, o menino **que** eu trabalhava **com ele**, eu trabalhei aqui uns... (brPB17_g3aM01_232).
 (5) EBS: ...que era irmã Maria Helena, **que ela** era muito rigorosa. (brPB17_g2aF01_74)
 (6) TFSR: Depois que e/ eu tenho uma irmã que..... **que ela** faz direito na U F P B..... (brPB17_g1aM01_280).

No exemplo (4), o pronome relativo *que* retoma menino e o pronome pessoal *ele* aparece recuperando novamente o mesmo SN; a preposição *com* é exigida pelo verbo trabalhar, na estratégia padrão ficaria: “O menino com quem eu trabalhava”. Em (5) o relativo *que* está retomando “Maria Helena” e o pronome pessoal “ela” retoma o mesmo termo; assim como no exemplo (6), que o pronome relativo e o pronome pessoal retomam o mesmo antecedente “irmã”.

Nas estratégias de inserção lexical, abordadas por Kenedy (2014), verificamos a introdução de um novo termo para retomar o antecedente, assim como nas copiadoras; porém, nesse tipo de estratégias o termo cópia é igual ao elemento relativizado.

- (10) TFSR: ...teve a, as inscrições, **que** eram limitada as **inscrições**... (brPB17_g1aM01_72).
 (11) HTR: Pronto, era essas coisas, tinha as quadrilha, **que** ainda hoje tem **quadrilha** aqui. (brPB17_g3aF01_46).
 (12) HTR: ...que ele tinha uma doença **que** o povo não sabia nem o nome da **doença** que, ahn, esse povo chamava lepra. (brPB17_g3aF01_109).

No exemplo (10), o pronome relativo *que* retoma o antecedente “inscrições” e assume sua função dentro da oração relativa, porém um outro termo igual ao relativizado é introduzido na oração. Assim como nos exemplos (11) e (12), em que os termos retomados pelo pronome relativo são introduzidos novamente na oração, em (11) “quadrilha” e em (12) “doença”.

Na estratégia comutada, introduzida nos estudos linguísticos por Santos (2018), foi possível analisar a substituição de um pronome relativo por outro da mesma classe:

- (13) EMLL: Aquela coisa, vai de acordo também com o modo **em que** cada um leva, né, em cada um, que cada um, aluno... (brPB17_g1aF01_45).

- (14) EBS: ...e o pessoal tinha que comprar esse bagaço de cana pra dar o gado, **que** não tinha mais o que dar, então quem não podia comprar, que não era barato também... (brPB17_g2aF01_268).

No exemplo (13), houve a substituição do relativo “como” pelo “em que”, de acordo com a norma padrão ficaria da seguinte maneira: “o modo como cada um leva”. Já em (14), o pronome relativo *que* substituiu “a quem”, pois seguindo os pressupostos gramaticais teríamos “e o pessoal tinha que comprar esse bagaço de cana pra dar o gado, a quem não tinha mais o que dar”. Vale destacar que este exemplo (14) também pode ser considerado um caso de cortadora, já que houve um apagamento da preposição.

Desse modo, podemos concluir que além do pronome relativo *que* outro pronome relativo foi utilizado, o *onde*. Vale salientar que tanto nas estratégias padrão como nas não padrão prevaleceu a utilização do *que*, havendo a utilização de um pronome distinto apenas nas estratégias padrão.

5.2 Dados da Zona rural

As ocorrências das estratégias de relativização nas falas da zona rural, assim como da zona urbana, evidenciaram um maior número das estratégias padrão, contando 187 ocorrências, das quais nenhuma apresentou o uso de preposição; distribuindo mais 55 ocorrências nas consideradas não padrão, como mostra os dados da tabela a seguir:

Tabela 2- Total de ocorrências das estratégias de relativização utilizadas pelos moradores da zona rural

Estratégia	Total	%
Padrão	187	77,27%
Cortadora	37	15,28%
Copiadora	10	4,14%
Inserção Lexical	7	2,90%
Comutada	1	0,41%
Total	242	100%

Fonte: Elaboração própria

Foi possível encontrar, nos dados da zona rural, um total de 242 estratégias de relativização, das quais 187 são consideradas padrão, representando 77,27% dos casos, 37 são

cortadoras, com um percentual de 15,28%, 10 copiadoras, contando 4,14% dos dados, 7 de inserção lexical, retratando 2,90% e 1 estratégia comutada, com 0,41% das ocorrências.

De acordo com a tabela 2, as estratégias de relativização padrão apresentaram 77,27% das ocorrências, das quais a maioria foi introduzida pelo pronome relativo *que*, assim como as estratégias analisadas nos dados da zona urbana. Nas estratégias padrão, o pronome *onde* também foi utilizado em 4 ocorrências, representando 2,13% dos dados e o *quem* em 1 ocorrência, com um percentual de 0,53%; já nas classificadas como não padrão houve a utilização apenas do *que*. Vejamos os exemplos das estratégias padrão.

- (15) MAS: Minha professora, **que** era minha vó, aí eu estudava de manhã, ela me ensinava, em casa também. (brPB17_g3bF01_177).
- (16) WBSF: ...a associação **quem** traz mais os beneficio pra cá, né? (brPB17_g2bM01_122).
- (17) IR: ...pela minha cabeça de eu sair daqui pra deixar a terra **onde** eu nasci e me criei. (brPB17_g2bF01_19).

No exemplo (15), temos o relativo *que* retomando o SN “Minha professora” e assumindo sua função sintática dentro da oração relativa; da mesma maneira ocorre em (16) e (17). No exemplo (16) o pronome relativo *quem* retoma “associação” e o substitui na oração adjetiva e em (17) o relativo *onde* retoma “terra” e faz a substituição da função que seria assumida pelo antecedente, que ficaria “eu nasci e me criei na terra”.

Foi possível também identificar ocorrências das estratégias cortadoras (37 ocorrências), que apresentaram as características necessárias para serem classificadas como tal; como é possível identificar nos seguintes exemplos:

- (21) IR: Na verdade, a minha mãe, ela teve dez filho, na hora **que** você tava falando não ti/ não quis interromper, mas ela teve dez filho. (brPB17_g2bF01_7).
- (22) WBSF: ...ahn, setenta domingo, que é o dia **que** eu vendo mais, que é a feira.. (brPB17_g2bM01_371).
- (23) EPS: Aí, então, aqui da região **que** eu moro...

No exemplo (21), o pronome relativo retoma o termo “hora”, mas sem a preposição “em”; assim como no exemplo (22), em que o pronome relativo retoma “dia” porém, sem a preposição “em”. O exemplo (23) segue o mesmo padrão dos casos anteriores, o pronome relativo retoma “região”, mas sem a preposição.

Nas estratégias copiadoras encontradas nos dados da zona rural (10 ocorrências), podemos identificar todos os elementos referentes a esse tipo de estratégia, a saber: pronome relativo, antecedente e pronome cópia.

- (18) EPS: ...primeiro carro, hoje deve ter uns trinta carro nessa propriedade, **que ela** é muito grande... (brPB17_g3bM01_355).
 (19) EPS: Hoje em dia eu tenho uns menino, uns neto aqui... (brPB17_g3bM01_207). ...**que eles** estuda, por causa do computador... (brPB17_g3bM01_208).
 (20) WBSF: Ele, tem um amigo meu **que ele** vem, toda vez... (brPB17_g2bM01_299).

No exemplo (18), o pronome relativo *que* retoma o antecedente “propriedade”, mas além disso o pronome pessoal “ela” também aparece fazendo outra retomada do mesmo termo. Assim como nos exemplos (19) e (20), nos quais o relativo *que* retoma em (19) o termo “neto”, que seguindo a concordância gramatical seria “netos” e há o acréscimo do pronome “eles”, e em (20) o relativo retoma “um amigo” e também é retomado novamente pelo pronome “ele”.

Identificamos também, nos dados da zona rural, 7 ocorrências de estratégias de inserção lexical:

- (24) MAS: Te/ a, tem uns que gosta de boate, **que** todo domingo tem uma **boate** aqui em algum canto, aí os jovens vão. (brPB17_g1bF01_138).
 (25) IR: ...seguir o, a banda deles, né, **que** eles começaram uma **banda**, eles era tudo pequeno. (brPB17_g2bF01_107).
 (26) MDS: E tinha aquelas velha, **que as velhas** era mais sabida, não era, rezava olhado... (brPB17_g3bF01_164).

Em todos os exemplos listados anteriormente, conseguimos identificar o pronome relativo retomando um termo que é inserido novamente na oração adjetiva. No exemplo (24) o antecedente copiado é “boate”, em (25) é “banda” e em (26) verificamos a inserção do termo relativizado “velha” na oração adjetiva.

Verificamos ainda ocorrências de estratégias comutadas, em que há a troca de pronomes relativos; como podemos identificar no seguinte exemplo:

- (27) EFCB: [veículo]...a maneira **que** eles ensina, que eles nos acolhe, na escola, é uma maneira muito... (brPB17_g1bM01_43).

Neste exemplo, para ficar de acordo com os pressupostos gramaticais, seria necessário utilizar o pronome relativo “como”; desse modo, a estrutura padrão ficaria “a maneira como eles ensinam”.

Nos dados referentes à zona rural, além do pronome relativo *que* também foi possível identificar a utilização do relativo *onde* e do *quem*. Esses pronomes foram utilizados nas estratégias padrão; nas consideradas não padrão todas as ocorrências encontradas apresentaram o uso do *que*.

5.3 Comparação entre as estratégias da zona urbana e da zona rural

Ao realizar a coleta de dados e análise das estratégias encontradas no *corpus*, foi possível identificar que os moradores da zona urbana, se comparados aos moradores da zona rural, utilizaram um maior número de estratégias de relativização em três tipos: padrão, copiadora e comutada. Podemos observar esse percentual na seguinte tabela:

Tabela 3 – Percentual de estratégias de relativização utilizados pelos moradores da zona urbana e zona rural.

Estratégia	Zona urbana		Zona rural	
Padrão	239	78,50%	187	77,27%
Cortadora	43	13,30%	37	15,28%
Copiadora	14	4,70%	10	4,14%
Inserção Lexical	8	2,80%	7	2,90%
Comutada	2	0,70%	1	0,41%
TOTAL	306	100%	242	100%

Fonte: Elaboração Própria.

Desse modo, os moradores da zona urbana utilizaram mais estratégias padrão (78,50%) que os rurais (77,27%); porém, nas estratégias cortadoras, os dados da zona rural sobressaíram-se (15,28%) comparados aos da zona urbana (13,30%). Nas copiadoras, os informantes urbanos utilizaram um total de 4,70%, já os rurais 4,14%; na inserção lexical houve 2,80% de utilizações feitas pelos residentes urbanos e 2,90% pelos rurais. A estratégia comutada apresentou 0,70% nos dados urbanos, enquanto a zona rural contou com 0,41% dessas utilizações.

Além disso, identificamos algumas diferenças na forma como os moradores de cada localidade elaboravam as construções linguística em que as estratégias de relativização estavam inseridas; como podemos observar nos seguintes exemplos:

(29) EMLL: ...e tudo **que** a escola leva, assim, em relação à, à cultura daqui de dentro... (BRPB17_G1AF01_7).

(30) MAS: Mas, q/ quase todas as pessoas têm transporte e também tem os... (brPB17_g1bF01_320). MAS: ...**que** leva os feirantes, que é os carro qua sai daqui... (brPB17_g1bF01_321).

O exemplo (29) é uma estratégia padrão utilizada por um entrevistado da zona urbana, na qual verificamos o pronome relativo *que*, e o antecedente “tudo”. Já o exemplo (30) trata-se de uma ocorrência realizada por um falante da zona rural, na qual é possível identificar o relativo *que*, porém o antecedente é colocado de uma maneira diferente na maioria das ocorrências dos entrevistados dessa localidade.

O antecedente “transporte” está presente na oração anterior, mas não é retomado totalmente na oração em que o termo relativizado estaria inserido; assim, o antecedente é retomado apenas pelo artigo “os”. Nessa ocorrência, o termo relativizado está inserido no mesmo período da oração relativa; porém, em alguns casos, apresenta-se em um período anterior:

(31) MAS: Quase todo dia vem aí alguém visitar alguém nesses ônibus. (brPB17_g1bF01_328). MAS: Tem os das, escolar também **que** vem um à tarde, que sai de Monteiro doze horas, que muitas pessoas pegam carona, que trazem aqui pra escola que te/ funciona à tarde. (brPB17_g1bF01_331).

No exemplo (31), elaborado por um falante rural: o entrevistado introduz o termo “ônibus”, em outro período há a retomada do assunto, porém sem introduzir o termo pois a retomada é feita apenas pelo artigo “os” e há a especificação pelo termo “escolar”. Dessa forma, a oração relativa “que sai de Monteiro” tem como antecedente “ônibus escolar”, porém o núcleo desse antecedente não está presente no período em questão, mas sim em um anterior.

Ao total, encontramos 41 ocorrências desse tipo de estrutura referentes à zona rural, representando 16.94% dos dados, enquanto na zona urbana não foi encontrada nenhuma utilização parecida. Desse modo, passamos a refletir sobre as motivações que fazem os moradores dessa área fazerem esses tipos de escolhas linguísticas.

Para recuperar o termo relativizado, os entrevistados utilizaram, além de artigos, que já foram vistos nos exemplos anteriores, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos, contração de preposição e numeral. Vale ressaltar que a contração de preposição utilizada (dele/dela) apareceu, em todos os casos, acompanhada do verbo “ter”.

(32) MDS: Aí tinha delas **que** fugia e ia-se embora mais eles, não era. (brPB17_g3bF01_397).

(33) MDS: Estudavam, tinha deles **que** estudavam. (brPB17_g3bF01_463).

No exemplo (32), a contração “delas” está retomando “moças”, que foi introduzido em um período anterior pelo entrevistador. Assim como no exemplo (33), em que “deles” refere-se a “crianças”, que também foi introduzido em um período anterior pelo entrevistador. Podemos observar a seguir, os períodos em que os antecedentes de (32) e (33) são introduzidos respectivamente em (32a) e (33a).

(32a) E: Ahn, [ave] então, ahn, na época assim, sempre, ahn, as moças, quando ela queri/ elas queriam casar com um rapaz... (brPB17_g3bF01_390).

(33a) E: E as crianças, aí, passavam algum tempo estudando o/ ou... (brPB17_g3bF01_460).

Acreditamos que esse tipo de escolha esteja relacionado a uma “economia linguística” utilizada pelos falantes rurais, já que percebemos que eles preferem fazer uso de outros elementos como forma de retomada do antecedente do que retomar o próprio termo para o período a que se refere.

Sendo assim, na subseção a seguir, aplicaremos às estratégias de relativização os princípios funcionalistas de *marcação*, *iconicidade* e *informatividade*, com o intuito de refletirmos e explicarmos as possíveis motivações para a escolha de determinadas estratégias, como também identificar o que leva os falantes da zona rural a utilizarem as estruturas que foram vistas nesta subseção.

5.4 Princípios funcionalistas nas orações relativas

A partir da análise de Bispo (2014) e dos princípios funcionalistas abordados neste trabalho, *iconicidade*, *marcação* e *informatividade*, buscamos relacioná-los às estratégias de relativização para tentar identificar possíveis motivações para a utilização de estratégias não padrão em detrimento das consideradas padrão.

Em relação à complexidade estrutural, as estratégias padrão preposicionadas são mais complexas que as cortadoras, visto que apresentam um elemento a mais: a preposição; logo, são mais extensas e mais complexas estruturalmente, conforme (34a), abaixo. Com relação às estratégias copiadoras, Bispo (2014) diz que as cortadoras e as estratégias padrão em ambiente preposicionado são menos complexas estruturalmente, já que as copiadoras apresentam um elemento cópia, conforme (34b).

(34) EMLL: Eu não sei dos outros grupos, mas o grupo **que** eu participo, particularmente, ele surgiu dentro da escola. (BRPB17_G1AF01_274).

34a – mas o grupo do qual eu participo.

34b – mas o grupo que eu participo dele.

Porém, neste trabalho, defendemos que as estratégias copiadoras, do ponto de vista da complexidade estrutural, sejam mais complexas apenas do que a cortadora pois a copiadora apresenta a mesma quantidade de estruturas presentes nas estratégias padrão preposicionadas. A diferença consiste apenas na utilização de uma preposição, como em (34a), e de um elemento cópia, como em (34b), mas ambas apresentam o pronome relativo e outro elemento gramatical.

Em termos cognitivos, a estratégia padrão preposicionada também apresenta uma maior complexidade que a cortadora, pois a exigência da preposição demanda o uso da regência e um maior esforço cognitivo para reconhecer qual preposição o verbo ou termo da oração exige. Para ilustrar, no exemplo a seguir, para transformar em padrão o usuário necessita reconhecer qual preposição rege o verbo “falar”.

(35) EBS: Não, assim, esses castigos **que** se fala de antigamente, não, não, não existia, não, existia, assim, de... (brPB17_g2aF01_85).

(35b) Não, assim, esses castigos de que se fala...

Embora apresente um elemento extra (cópia), a estratégia copiadora pode ser considerada menos complexa cognitivamente que a padrão, visto que apresenta um menor esforço cognitivo pois a relação entre verbo e complemento fica explícita em sua estruturação, assim como a linearidade SVC.

(36) JBM: ...trator de esteira em cima dum caminhão, o menino **que** eu trabalhava com ele, eu trabalhei aqui uns... (brPB17_g3aM01_232).

Na copiadora (36), fica clara a conexão entre o verbo da relativa “trabalhar” e seu complemento, além da ordem canônica SVC ser mantida. Diferentemente do que ocorre na estratégia padrão “com quem eu trabalho”, que, além do esforço para identificar a preposição “com”, há um distanciamento entre verbo e complemento e, conseqüentemente, uma mudança no modelo SVC.

As estratégias de inserção lexical podem ser analisadas da mesma forma das copiadoras, pois apresenta também um elemento cópia (só que idêntico ao antecedente) e mantém uma linearidade entre verbo e complemento, facilitando a identificação, fazendo jus ao modelo SVC:

(37) IR: ...seguir o, a banda deles, né, **que** eles começaram uma **banda**, eles era tudo pequeno. (brPB17_g2bF01_107).

No exemplo (37) o termo cópia “banda” se aproxima do verbo aumentando a relação entre verbo e complemento e deixando a oração na ordem canônica. Por isso, podemos considerar, assim como as copiadoras, menos complexas cognitivamente.

Dessa forma, levando em consideração os critérios para considerar uma estrutura marcada em relação a outra, isto é, complexidade estrutural, cognitiva e distribuição de frequência, podemos considerar a estrutura padrão preposicionada mais marcada em relação à copiadora, já que é mais complexa tanto do ponto de vista estrutural como cognitivo e, conseqüentemente, é menos frequente.

Deve-se levar em conta, portanto, que é justamente nessas estruturas que exigem o uso de preposição em que as estratégias não padrão ocorrem. Dessa forma, acreditamos que a complexidade estrutural e cognitiva exigidas nas relativas padrão preposicionadas fazem com que os usuários da língua utilizem as formas não padrão, já que não exige tanta complexidade para a formulação. A complexidade cognitiva, portanto, pode ser um fator motivante para a utilização da estratégia comutada, já que a estratégia padrão preposicionada exige o domínio de fatores cognitivos como a regência, e o não domínio dessa estruturação pode acarretar a troca de preposição ou pronome relativo, como é o caso da estratégia comutada.

Como já vimos, a estratégia padrão, apesar de ser mais extensa que a cortadora, apresenta a mesma quantidade de informação (o conteúdo informacional da cortadora e sua correlata padrão é o mesmo); então o subprincípio de quantidade de informação da iconicidade não se encaixaria. Portanto, podemos considerar, assim como Bispo (2014), que a estratégia cortadora utiliza de uma economia de esforço para uma melhor compreensão por parte do ouvinte.

(38) MDS: ...quando, qualquer comida, né, **que** sentia o cheiro. (brPB17_g3bF01_181)

No exemplo (38), o apagamento da preposição exigida na norma culta padrão ficando “de que sentia o cheiro” ou “da qual sentia o cheiro” facilita tanto o processamento do falante como a codificação do ouvinte, visto que o uso da preposição acarreta o domínio da regência específica de cada termo utilizado. Além disso, as duas formas exprimem o mesmo conteúdo e a mesma informação linguística, ou seja, significam a mesma coisa.

Já nas estratégias copiadora e de inserção lexical, como já visto anteriormente, há a inserção de um novo termo que deixa mais evidente a linearidade dos constituintes, facilitando

o processamento de informação por parte do ouvinte. Dessa forma, a relação icônica está justamente ligada ao discurso, já que esses tipos de estratégias levam em consideração a facilidade de processamento da informação.

O princípio de informatividade, por sua vez, pode explicar as sentenças elaboradas pelos moradores da zona rural que não retomam totalmente o antecedente, já que este encontra-se em uma oração ou período anterior à oração relativa (abordado na subseção anterior). Desse modo, podemos analisar esse tipo de oração a partir da entidade do discurso evocada textualmente, que diz respeito às informações que já ocorreram no texto. Vejamos o seguinte exemplo:

(39) E: Agora, ahn, era fácil, assim, por exemplo, se um, um rapaz se interessasse por uma moça... (brPB17_g3bF01_369). E: ...era fácil ele conseguir casar com ela? (brPB17_g3bF01_370). MDS:...eu mesmo fui muito obediente, meu, quando eu namorava com um **que** meu pai não queria, eu ali já... (brPB17_g3bF01_373).

O exemplo (39) inicia com as falas do entrevistador sinalizadas por “E”, que introduz o termo (rapaz) e em seguida termina a pergunta, mas utiliza o pronome (ele) para se referir ao mesmo termo. A pessoa entrevistada (MDS) volta a falar sobre o assunto abordado pelo entrevistador, mas não retoma o termo rapaz, apenas utiliza o artigo indefinido “um”.

Conseguimos entender que “um” se refere a “rapaz”, mas a escolha de não retomar o termo ocorre justamente por ser uma informação evocada textualmente, ou seja, é uma informação que já ocorreu no texto; portanto, já é conhecida pelos participantes da situação discursiva. Dessa forma, esses falantes utilizam de uma economia linguística para se referir a algo que já é conhecido no discurso, diferentemente dos exemplos (40) e (41), que fazem parte da mesma entrevista:

(40) E: E fazia festa também, naquela época, assim, tinha muita festa por aqui? (brPB17_g3bF01_465).
(41) MDS: ...eu me lembro dumas novena **que** tinha. (brPB17_g3bF01_467).

Em (41), o entrevistador introduz um novo assunto e, conseqüentemente, o entrevistado irá falar sobre algo novo, uma informação nova, nesse caso “novena”. Desse modo, a oração relativa aparece logo após o antecedente, já que há a presença de uma entidade totalmente nova do discurso, que foi elaborada a primeira vez e, por isso, não há a necessidade nem possibilidade de retomada por meio de outro termo.

Sendo assim, as estruturas linguísticas apresentam uma relação direta com as circunstâncias em que foram produzidas; não se deve, portanto, analisá-las de forma isolada,

pois, como foi possível analisar nesta subsecção, existem aspectos que só conseguimos observar a partir da situação de realização das sentenças.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vertente na qual nos baseamos para a realização deste trabalho foi a funcionalista, que busca explicar os fatos da língua a partir do seu contexto de produção. Desse modo, o funcionalismo utiliza dados reais para mostrar que a interpretação dos fenômenos linguísticos não deve ser feita de forma isolada, pois o contexto está estritamente ligado às formas de produção.

Dito isto, o contexto situacional torna-se essencial para analisar e interpretar sentenças, já que existem aspectos externos que influenciam diretamente nas produções faladas ou escritas dos usuários. Sendo assim, é necessário que as análises gramaticais sejam realizadas a partir de usos efetivos da língua e os fatores externos sejam levados em consideração. A gramática, portanto, deve ser vista como maleável, pois pode tomar novos rumos a partir dos usos e circunstâncias de realização.

Para responder ao objetivo inicial, que consiste na análise das estratégias de relativização à luz da teoria funcionalista, inicialmente descrevemos os tipos de estratégias mais utilizados. A análise dos dados revelou que houve uma maior utilização da estratégia padrão, porém outros tipos também foram utilizados. Encontramos ocorrências tanto das estratégias já consolidadas pelos linguistas (cortadora e copiadora), como outras que não se encaixam nesses tipos, a saber: inserção lexical e comutada.

Em seguida, comparamos as estratégias utilizadas pelos falantes das duas localidades; tanto os usuários da língua que são moradores da zona urbana como os da zona rural utilizaram todos os tipos de estratégias citados, porém percebemos uma diferença na utilização entre as duas localidades: os residentes rurais tendem a preferir utilizar de uma economia linguística quando o termo retomado pelo pronome relativo já foi abordado anteriormente na situação comunicativa.

Esta observação está diretamente ligada aos princípios funcionalistas e, conseqüentemente, ao objetivo específico de aplicar os princípios funcionalistas às estratégias de relativização, já que o princípio de informatividade, mais precisamente a entidade evocada textualmente, se caracteriza por utilizar uma estrutura que já foi abordada no texto. Sendo assim, o usuário não tem a necessidade de retomar o antecedente totalmente para o período, apenas faz referência a partir de algum termo gramatical (artigo, pronome, contração de preposição...).

Além disso, foi possível identificar que as estratégias de relativização preposicionadas são mais complexas estruturalmente que as cortadoras e mais complexas cognitivamente que

os outros tipos. Portanto, são menos frequentes, como foi possível comprovar na quase não utilização desse tipo de estratégia nos dados analisados.

Já as copiadoras ficam no mesmo nível de complexidade estrutural das estratégias padrão preposicionadas e, por isso, são mais complexas que as cortadoras e, conseqüentemente, menos frequentes. Essa análise também justifica o fato de serem encontradas mais estratégias cortadoras que copiadoras nos nossos dados.

Desse modo, consideramos que o maior uso das estratégias cortadoras, se comparadas às copiadoras, dá-se justamente por este fator estrutural, pois para formular uma estrutura copiadora o usuário acrescenta um termo cópia, enquanto na cortadora ocorre apenas o apagamento da preposição. Portanto, as estratégias cortadoras tornam-se mais frequentes por não apresentarem tanta complexidade nas suas formulações.

Mesmo não sendo um dos nossos objetivos principais, observamos que o pronome relativo *que* foi predominante no número de utilização, tanto nas estratégias padrão como nas não padrão das duas variantes. Assim, acreditamos que essa utilização, principalmente na estratégia cortadora, decorre do fato de o usuário da língua já fazer o encaixe de uma oração adjetiva através do relativo *que*, sem necessariamente saber a regência que o verbo ou algum elemento do período exigirá.

Podemos concluir que as estratégias de relativização não padrão tendem a ser usadas em decorrência da complexidade exigida para a elaboração de estratégias padrão preposicionadas, visto que os usuários não encontram tanta dificuldade na elaboração de estruturas padrão simples, mas quando estas estão em ambiente preposicionado acabam simplificando a informação para o interlocutor ou não conseguem identificar a exigência da preposição, bem como a regência verbal exigida por determinados verbos.

Sendo assim, procuramos responder aos objetivos traçados a partir dos conceitos funcionalistas, refletindo sobre as motivações que fazem os usuários da língua utilizarem determinadas estruturas em detrimento de outras. Logo, reconhecemos o campo vasto que são as estratégias de relativização e abrimos espaços para futuras pesquisas na área abordada; uma vez que há nuances que merecem um maior aprofundamento.

REFERÊNCIAS

BRAGA, A.; BISPO, E. Estratégias de relativização em cartas oficiais norte-rio-grandenses dos séculos XVIII e XIX. **Revista Odisseia**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. p. 3 – 16, 2016. DOI: 10.21680/1983-2435.2016v1n2ID9832. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/9832>. Acesso em: 19 set. 2023.

BISPO, Edvaldo Bauduino. **Estratégias de relativização no Português brasileiro e implicações para o ensino: o caso das cortadoras**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2009.

BISPO, Edvaldo Bauduino; SILVA Lígia Maria da. Abordagem funcionalista da oração adjetiva: uma intervenção pedagógica no ensino fundamental. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. 2, e1897, p.1-21, maio/ago/2020.

BISPO, Edvaldo Bauduino. Estratégias de relativização no PB: motivações discursivo interacionais e cognitivas. *In*: BISPO, Edvaldo Bauduino; OLIVEIRA, Maria Rios de (org). **Orações relativas no Português brasileiro: diferentes perspectivas**. Niterói: Editora da UFF, 2014, p. 131-155.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do Português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, Maria Angelica Furtado da; TAVARES, Maria Alice (org). **Funcionalismo e ensino de gramática**. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2016.

FARACO, Carlos Alberto; VIEIRA, Francisco Eduardo. **Escrever na universidade: gramática da norma de referência**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2022.

FONTELLES, Mauro José et al. **Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa**. Revista paraense de medicina, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, v. 4, n. 1, 2002.

KENEDY, Eduardo. Estruturas sintáticas de orações relativas. *In*: BISPO, Edvaldo Bauduino; OLIVEIRA, Maria Rios de (org). **Orações relativas do Português brasileiro**. Niterói: Editora da UFF, 2014, p. 11-46.

LIMA, Herdeiros de Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2011.

MARTINS, Ana Paula Pereira. Funcionalismo Linguístico: um breve percurso histórico da Europa aos Estados Unidos. **Dominios de Linguagem**, Uberlândia, v.3, n.2 Ano 3, p. 18-35, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11504>. Acesso em: 29 nov. 2022.

MOLLICA, Maria Cecília. Anáfora em relativas no Português do Brasil. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v.41, n.1, p.171-179, 1997. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4037>. Acesso em: 29 nov. 2022.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

PERINI, Mário Alberto. **Sintaxe**. São Paulo: Parábola, 2019.

SANTOS, Noelma Cristina Ferreira dos. **O funcionamento sintático e semântico-discursivo da Relativização no português brasileiro: Usos na modalidade escrita**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2018.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011.